

**O CONTÍNUO E DESCONTÍNUO NAS PRÁTICAS DE ESCRITA NO DIÁRIO DE ANNE
FRANK (1942-1944): A ESCRITA COMO MEMÓRIA, POSSIBILIDADE E
TESTEMUNHO DE SI.**

**THE CONTINUOUS AND DISCONTINUOUS IN WRITING PRACTICES IN DIARY OF
ANNE FRANK (1942-1944): THE WRITING AS MEMORY, POSSIBILITY AND
TESTIMONY OF ONESELF.**

Ytalo dos Santos Lima¹

Resumo

O artigo tem como propósito analisar o contínuo e o descontínuo nas práticas de escritas de Anne Frank entre 1942 a 1944. Acompanhando o processo de elaboração de uma escrita comum para uma escrita literária a partir da análise textual e de abordagem qualitativa das entradas do *Diário de Anne Frank*, busca-se demonstrar como a escrita de Anne Frank passa por ressignificações diretamente ligadas a modificações em sua própria identidade a partir do contexto histórico que vivia. Ademais, de que forma o nome da autora Anne Frank funciona como uma representação coletiva das vítimas do Holocausto na posição de testemunho.

79

Palavras-chave: Anne Frank; Escrita de si; Contínuo; Ficção.

Abstract

The article has the purpose of analyze the continuous and discontinuous in Anne Frank's writing practices between 1942 and 1944. Following the process of elaboration from a common writing to a literary writing, through textual analysis and qualitative approach of the *Diary of Anne Frank's* entries, it seeks to demonstrate how Anne Frank's writing undergoes resignifications directly linked to modifications in her own identity and in the historical context in which she lived. With such analysis, it is noticed that the name of the author Anne Frank works as a collective representation of the Holocaust's victims in the position of witness.

Keywords: Anne Frank; Writing of the self; Continuous; Fiction.

¹ Mestrando do programa de pós-graduação em história social da Universidade Federal do Ceará.

O diário que ganhou o mundo

Durante a experiência em uma aula sobre Nazismo/Fascismo para turmas de 9º ano, optei por usar *O Diário de Anne Frank* como fonte para a aula. Após a primeira aula em que contextualizava o conteúdo para os alunos, apresentei-os à Anne Frank, pedindo que lessem trechos avulsos da edição de capa dura que disponibilizamos. Ao final, colocamos como atividade a confecção de uma carta², de caráter livre, destinada a Anne Frank.

Nas cartas, os alunos revelavam segredos de si, confidenciando a uma jovem da mesma idade que eles, mas de outro tempo e outro local. Foi naquele momento que se tornou perceptível a força que *O Diário de Anne Frank* carrega. Essa capacidade de se conectar com a imensa maioria dos jovens, o que acarreta seu sucesso editorial com milhões de exemplares pelo mundo e traduzido em dezenas de idiomas.

Sobre o sucesso de obras como diários, Angela de Castro Gomes afirma que:

É cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos - uma escrita de si -, que abarca diários, correspondências, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de histórias de vida, por exemplo (GOMES, 2004, p. 7).

80

Quanto a Escrita de Si, pensando enquanto prática, ela ocorre quando “[...] os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas[...]” (GOMES, 2004, p. 11). Contudo, assim como no início de uma aula, é necessário apresentar o sujeito histórico e o contexto que vivia antes de qualquer análise ser iniciada, algo que a própria Anne Frank se preocupa no início do diário com a longa entrada de 20 de junho de 1942.

SÁBADO, 20 DE JUNHO DE 1942

[...]

Como ninguém entenderia bulhufas das minhas histórias [...] se eu comesse a contar a minha vida assim, do nada, me vejo obrigada a reproduzir uma pequena sinopse da minha história, por mais a contragosto que o faça.

O papai, o pai mais precioso que se pode imaginar, já tinha 36 anos quando se casou com a mamãe, que, na época, tinha 25. A minha irmã Margot nasceu em 1926, em Frankfurt am Main, Alemanha. No dia 12 de junho de 1929, eu segui seu exemplo. Vivi os meus primeiros quatro anos em Frankfurt. Como éramos judeus pelas quatro linhagens (ou seja, “puros-sangues”), em 1933 o papai se mudou aqui para a Holanda e se tornou diretor da filial holandesa da Opekta Mij, uma empresa de confecção de geleias. A mamãe, Edith Frank-Holländer, também veio para a Holanda em setembro do mesmo ano, e Margot e eu fomos para Aken, onde morava a nossa avó. A Margot veio em dezembro para a Holanda, e eu, em fevereiro do ano seguinte; uma vez aqui,

² Atualmente, as cartas constam no acervo do LEAH - Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História na Universidade Federal do Ceará.

me puseram sentada sobre uma mesa como um presente de aniversário para a Margot. (FRANK, 2019a, p. 22)

Na década de 1920, a Alemanha entrava em profunda decadência econômica, sofrendo com as pesadas indenizações determinadas pelo Tratado de Versalhes, ao ser derrotada na Primeira Guerra Mundial em 1918, e agravada pela crise financeira mundial na quebra da Bolsa de Valores em Nova York, em outubro de 1929. Concomitantemente, o antissemitismo começa a ganhar cada vez mais força, com os judeus ocupando espaço central no ódio generalizado de determinados grupos e partidos políticos alemães, como o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP).

Em 30 de Janeiro de 1933, Adolf Hitler, o líder do NSDAP, já naquela época o maior partido da Alemanha, é nomeado chanceler e líder do governo pelo presidente Paul von Hindenburg. Poucos meses depois, em 1 de abril de 1933, se inicia o boicote às instituições judaicas por toda a Alemanha. Lojas, livrarias, consultórios médicos, escritórios de advocacia, toda e qualquer instituição que pertencia a judeus foram destruídos e seus bens saqueados. Em meio a crise étnica que seu povo sofria, Otto Frank (1889-1980), decide se mudar para Amsterdã, na Holanda, instalando a filial da empresa de seu cunhado, a Opteka, passando um período longe da família para estabelecer a empresa até que possam morar com ele. Sua esposa, Eddith Frank (1900-1945) e filhas, Margot Frank (1906-1945) e Anne Frank, estavam hospedadas temporariamente na casa da mãe de Edith em Anchen, uma cidade alemã próxima à fronteira do Reino dos Países Baixos (HIRSCHFELD, 2019).

Após maio de 1940, os bons tempos começaram a degradingolar: primeiro a guerra, depois a capitulação, a invasão dos alemães e o início do martírio para nós, os judeus. (FRANK, 2019a, p. 22 e 23)

Em 15 de maio de 1940, a Alemanha invade as fronteiras da Holanda, dando seguimento à sua expansão militar pela frente ocidental da Europa. Todo o corpo ministerial holandês já havia se retirado em exílio e em pouco menos de 5 dias, o país foi devidamente ocupado. Em seus primeiros atos, tendo em vista que os holandeses faziam parte da concepção dos nazistas de “raça ariana”, os alemães tiveram o cuidado para que o governo do território não afetasse negativamente a vida dos futuros cidadãos alemães, mas o mesmo não poderia ser dito de um outro povo que também vivia na Holanda, os judeus.

Era uma lei restritiva aos judeus atrás da outra, e as nossas asas foram cortadas. Os judeus tinham de ter costurada na roupa a estrela de davi; os judeus tinham as bicicletas confiscadas; os judeus não podiam mais pegar bonde; os judeus não podiam mais dirigir carros, nem se fossem os seus próprios; os judeus só podiam fazer compras entre as três e as cinco da tarde; os judeus só podiam frequentar cabeleireiros judeus; os judeus não podiam mais ficar na rua entre as oito da noite e as seis da manhã; os judeus não podiam mais frequentar cinemas, teatros ou qualquer outro espaço de entretenimento; os judeus não podiam mais frequentar piscinas, o que também valia para outros espaços desportivos, como quadras de tênis e de

ringues de hóquei; os judeus não podiam mais remar; os judeus não podiam mais praticar nenhum tipo de esporte em público; os judeus não podiam mais ficar após as oito da noite nem nos seus próprios jardins, nem no dos seus conhecidos; os judeus não podiam entrar na casa de cristãos; os judeus eram obrigados a frequentar escolas judaicas; entre tantas outras leis do gênero. A nossa vidinha de sempre transcorria com proibições aqui e ali. A Jacque não parava de me dizer: “Eu não me atrevo a fazer mais nada, com medo de que também seja proibido.” Mas ainda dava para aguentar, apesar de estrelas, escolas separadas, confinamento em casa e daí por diante. (FRANK, 2019a, p. 23)

Ademais, a situação dos judeus só piorou com o passar dos anos após a ocupação da Alemanha no território holandês.

Cabe ressaltar que, no início da Segunda Guerra Mundial, cerca de 140.000 judeus viviam na Holanda. Imediatamente após a ocupação do país pelas tropas alemãs, os cidadãos judeus perderam seus direitos plenos e foram obrigados a se registrarem junto às autoridades nazistas de ocupação. Em julho de 1942, começaram as deportações. Muitos seguiram primeiramente para o campo de trânsito de Westerbork, localizado na própria Holanda. De lá, muitos foram deportados para os campos de concentração e de extermínio na Polônia. Ao todo, cerca de 100.000 judeus foram deportados da Holanda até o final de 1943. Em torno de 25.000 judeus escaparam à deportação imediata escondendo-se e passando a viver na clandestinidade. Dentre eles, estima-se que 9.000 caíram nas mãos da polícia nazista. A maioria foi delatada através de cartas e telefonemas anônimos dirigidos às autoridades alemãs de ocupação. Dos 140.000 judeus que viviam na Holanda até o início da guerra, cerca de 102.000 morreram em campos de concentração e extermínio. (CORNELSEN, 2019, p. 7)

A situação cada vez mais crítica dos judeus forçou Otto e sua família, após tentativas mal sucedidas de sair do país, a construir um esconderijo “[...] num anexo de fundos de um prédio localizado no número 263 da Prinsengracht, em Amsterdã, onde funcionava o escritório da firma Opekta, de sua propriedade” (CORNELSEN, 2019, p. 6). A mudança ocorreu no dia 6 de julho de 1942 e menos de um mês antes, Anne havia recebido o diário de presente de aniversário no dia 12 de junho de 1942, anexando uma foto recente sua e escrevendo logo a seguir “Que foto mais fofa, não é?!!!!” (FRANK, 2019b, p. 611).

A citação do diário foi extraída do livro “OBRA REUNIDA: Anne Frank” em que

Pela primeira vez os textos de Anne Frank serão traduzidos diretamente do holandês. Para a Record, que é a editora oficial do diário no Brasil, a contratação de seus escritos completos é essencial, pois ajuda a compreender a personalidade de uma das autoras mais populares de nosso catálogo”, explica a editora-executiva Renata Pettengill. (CARTAS..., 2019)

No livro “Obra Reunida: Anne Frank”, consta-se a totalidade dos textos escritos por Anne Frank atualmente conhecidos, diversos contos escritos no esconderijo, um romance incompleto, um ensaio de fotografias sobre o Egito, cartas endereçadas a familiares, algumas poesias destinadas a amigas próximas e um livro de citações, copiando trechos de seu interesse a partir de suas leituras.

Em relação à fonte ser uma obra traduzida, seja diretamente do holandês ou de outra língua, Paulo Henriques Britto em seu texto “Tradução e Ilusão” (2012), discorre sobre a prática da tradução, principalmente no território brasileiro. Para ele,

A noção de fidelidade tem sido criticada, relativizada e desconstruída em artigos, teses e livros. E há hoje toda uma linha de pesquisa na área, a dos estudos descritivos, que analisa as traduções e o papel que elas desempenham no sistema literário em que elas circulam sem sequer levar em conta os originais a elas relacionados. (BRITTO, 2012, p. 21).

Junto a isso, Britto também traz duas estratégias tradutórias do teórico Jiří Levý. Em *Umění překladu* [A arte da tradução], falando sobre duas abordagens.

Uma, a ilusionista, é aquela em que o texto traduzido é feito para ser lido em lugar do original, representando-o junto ao público que desconhece o idioma em que ele foi escrito; assim, tenta-se dar ao leitor a ilusão de estar lendo o original. Na estratégia anti-ilusionista, por sua vez, o tradutor “não pretende oferecer o original, e sim comentá-lo, dirigindo-se por vezes aos leitores com alusões pessoais e tópicas” (Levý, 2011 apud BRITTO p.22).

Considerando as leituras realizadas de várias edições, o livro “Obra Reunida: Anne Frank” se encaixa perfeitamente na categoria de uma tradução ilusionista. Mesmo ciente de estar lendo uma obra traduzida de um idioma estrangeiro, o leitor terá a sensação da leitura da edição original, publicada em 2013 por *Uitgeverij Prometheus*, em Amsterdã. Além disso,

Paradoxalmente, essa estratégia ilusionista tem por meta a autenticidade: “autenticidade” como efeito de uma estratégia calculada, é claro, e não a coisa em si – pois o texto autêntico, o original, foi escrito num idioma ao qual o leitor não tem acesso (pois se tivesse, ele não recorreria à tradução) (BRITTO, 2012, p. 26).

Uma das exclusividades que o livro “Obra Reunida: Anne Frank” traz é as versões de *O Diário de Anne Frank* separadamente e é a partir destas que será demonstrado o contínuo e o descontínuo das práticas de escrita de Anne Frank, e da mesma forma, uma introdução sobre essas versões se torna necessária.

Iniciado em 12 de Junho de 1942, ao ganhar um caderno de capa xadrez vermelho e branco em seu aniversário de 13 anos, Anne Frank decidiu transformá-lo em seu diário intimista. Menos de um mês depois, Anne passou a retratar sua vivência em um esconderijo, fugindo da perseguição nazista, acompanhada por sua família; a família van Pels, composta pelo pai, Hermann van Pels (1898-1945), a mãe, Auguste van Pels (1900-1944) e o filho, Peter van Pels (1926-1945); e por fim, Fritz Pfeffer

(1889-1944). Em seis meses, o primeiro caderno estava completo e ela passou para um segundo, que se perdeu³, e em seguida para mais dois. Esses manuscritos são conhecidos como a *versão a*⁴.

Em 28 de março de 1944, Anne ouvira pela rádio Oranje o discurso do ministro da educação Bolkstein, que pedia a população holandesa que conservasse diários e outros tipos de relatos escritos para que fossem coletados e publicados posteriormente, mostrando ao mundo as atrocidades que o povo judeu sofreu. “Foi então que Anne, tendo em vista uma possível publicação, começou a retrabalhar no diário, reescrevendo e corrigindo passagens, ampliando alguns trechos e condensando outros” (OBRA..., 2019c, p. 607). Esse manuscrito, visando a possibilidade de uma publicação, é conhecido como *versão b*⁵.

A edição original do diário em sua forma impressa foi publicada em 25 de junho de 1947 por Otto Frank, intitulado *Het Achterhuis [O Anexo]*⁶, que seguindo a vontade de sua filha, publicou o compilado de materiais que Anne Frank escreveu ao longo dos anos no esconderijo com o objetivo de ser publicado posteriormente. No entanto, houve uma seleção de Otto Frank e da editora que iria publicar o impresso, pois “Temia-se principalmente que ele [*O Diário de Anne Frank*] lembrasse aos leitores da guerra de que todos preferem esquecer-se” (PROSE, 2019, p. 594).

Nesse contexto, em 1991, uma nova versão foi lançada por Mirjam Pressler, novelista e tradutora alemã, a pedido da *Anne Frank Fonds*, herdeira universal de Otto Frank (falecido em 1980) e também dos direitos autorais de Anne Frank, sendo considerada a versão mais completa de *O Diário de Anne Frank*⁷, compilada a partir da versão da primeira publicação e de materiais conservados pela própria fundação. Atualmente, essa versão (batizada como *versão d*) é considerada ainda hoje a versão do leitor de *O Diário de Anne Frank*.

No prefácio das edições comercializadas de *O Diário de Anne Frank* é explicitado sobre essas versões, quem as escreveu e os objetivos de cada uma delas. No entanto, é a *versão d* que os leitores possuem o acesso mais facilitado, comprando de forma física ou digital, adquirindo em bibliotecas, ao contrário das versões anteriores, que é considerada em desuso (como a *versão c*) ou ainda utilizadas para pesquisa (*versão a e b*).

³ OBRA REUNIDA, 2019c, p. 607

⁴ O termo *versão a, b, c, d* é utilizado pela Fundação Anne Frank para diferenciar, respectivamente, o diário intimista de Anne Frank, seu manuscrito de um livro, a primeira edição do livro *O Diário de Anne Frank*, em 1947 e a edição definitiva, em 1991.

⁵ A partir de 28 de março de 1944, após iniciar o seu manuscrito visando uma publicação, Anne Frank escreveu simultaneamente a *versão a* e a *versão b*.

⁶ Respeitando o desejo da filha, Otto Frank utilizou o mesmo título que Anne Frank havia pensando para o seu manuscrito, também conhecido como *versão b*. (OBRA REUNIDA, 2019c, p. 796)

⁷ Como estratégia de *marketing*, a Editora Doubleday, responsável pela tradução e publicação da obra produzida por Mirjam Pressler nos Estados Unidos em 1995, destaca logo na capa do livro a frase “*The definitive edition*”, reforçando como a edição definitiva de *O Diário de Anne Frank* (CORNELSEN, 2019)

A partir de *Obra Reunida: Anne Frank* (2019), contendo a *versão a* e *versão b* separadamente, uma pesquisa qualitativa, usando o método de Análise de Conteúdo (BAUER, 2008), será praticada nestes materiais, estabelecendo que através da Análise de Conteúdo, é possível “Traçar um perfil ou comparar os perfis para identificar um contexto, [...] ou avaliar os motivos básicos de uma pessoa através de cartas pessoais e anotações no diário” (BAUER, 2008, p. 193).

Para isso, iremos fazer uma amostragem a partir de unidades sintáticas (BAUER, 2008), nesse caso, palavras-chaves baseadas em temáticas específicas presentes ou ausentes nessas versões, analisando as suas localizações no texto como um todo e suas inter-relações, se focando em suas dimensões sintáticas e semânticas, além de elementos externos ao texto, mas que também afetam a sua escrita.

Por meio desse método, busca-se uma análise das práticas de escrita de Anne Frank numa perspectiva de continuidade e descontinuidade, possibilitando um aprofundamento nesses aspectos pela comparação direta entre as diferentes versões, permitindo averiguar mudanças importantes que ocorreram na sua escrita. Outrossim, será demonstrado como tais mudanças foram acarretadas por ressignificações que Anne Frank construiu em sua própria identidade, já que a partir da escrita de si, enquanto prática cultural, “[...] o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo o sentido passa a ser alargado” (GOMES, 2004, p. 11).

O papel enquanto um memória de si

20.6.42

[...] “O papel é mais paciente que o homem”: esse ditado me veio à mente num dos meus dias levemente melancólicos, sentada com a cabeça apoiada sobre as mãos, entediada, de puro desânimo, em dúvida sobre se sair ou ficar em casa. Acabei ficando na mesma postura, com a cabeça dando voltas. Sim, de fato, o papel é paciente, e, já que não tenho a menor intenção de mostrar a quem quer que seja o caderno forrado em papelão sobre o qual consta a grandiosa palavra “diário”, a não ser que eu conheça em algum momento desta vida um amigo ou amiga que mereça o título de “o” amigo ou “a” amiga, o mais provável é que nunca caia nas mãos de nenhum interessado. (FRANK, 2019a, p. 21)

Esse é um dos trechos iniciais que se encontra em qualquer edição comercializada atualmente de *O Diário de Anne Frank*. Pela estrutura de um diário, com datas bem definidas e um relato cotidiano do dia a dia, o relato do dia 20 de junho de 1942 parece destoar quando comparado ao relatos dos outros dias, em que a jovem Anne Frank conta sobre as amigas, a escola, preocupações com as notas e flertes com rapazes.

Como explicado anteriormente, a *versão d* de *O Diário de Anne Frank* é considerada popularmente como a versão do leitor. A discussão sobre as versões aparece no prefácio, mas além dele, o corpus da obra é construído enquanto um diário, com data, o texto e assinatura do autor. Especificamente em *O Diário de Anne Frank*, temos também um remetente para cada entrada do diário, com Anne escrevendo como se fosse uma carta para uma grande amiga, pois como constata no prefácio da *versão b*, “[...] não quero simplesmente registrar os fatos num diário como faria qualquer um, mas sim transformar o próprio diário nessa amiga propriamente dita, que se chama Kitty” (FRANK, 2019b, p. 833).

Philippe Lejeune afirma que a base de um diário é a sua data (LEJEUNE, 2008). “Uma entrada do diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado” (LEJEUNE, 2008, p. 260). Apenas nessas palavras, já seria necessário recolher todas as obras intituladas *O Diário de Anne Frank*, pois estariam supostamente diante de uma farsa, já que a entrada datada de 20 de junho de 1942, na realidade, foi transcrita muito tempo depois dessa data, mas especificamente, após 29 de março de 1944, quando Anne Frank decide escrever um livro baseado em seu diário pessoal.

A obra *O Diário de Anne Frank*, se trata de uma mistura entre versões que se passa enquanto uma única. Uma mistura entre a escrita intimista de um diário pessoal (*versão a*) com um manuscrito de um livro baseado em seu diário pessoal (*versão b*). O trecho extraído do diário pertence a *versão b*, a entrada inteira nunca tendo sido transcrita na *versão a*, pertencendo a outras inúmeras entradas que foram escritas por Anne Frank no início de 1944.

Diante de todas essas informações, deve-se então articulá-las para se avaliar um dos conceitos e objeto de análise que Lejeune propõe em seus trabalhos sobre a autobiografia, que é noção do pacto autobiográfico, em que o autor traz uma série de questões não só sobre os mecanismos de leitura e de escrita desse gênero literário, como também nas identidades produzidas pela coincidência entre o nome próprio, narrador e do personagem (LEJEUNE, 2008).

Numa autobiografia, usualmente, temos esses nomes todos iguais, já que falamos de uma escrita na primeira pessoa⁸, e de fato, na *versão a* isso ocorre, em que o nome Anne Frank, pode ser associado ao nome de quem escreve, quem narra e a personagem.

No entanto, isso já se modifica na *versão b*, pois Anne Frank decide adotar os pseudônimos⁹ para se referir aos moradores do Anexo¹⁰, usando o nome Anne Aulis Robin para designar a si mesma.

⁸ Em Pacto Autobiográfico, Lejeune ressalta que existem autobiografias escritas na 2ª e na 3ª pessoa, apesar de serem mais raras.

⁹ OBRA..., 2019c, p.16

¹⁰ Nome escolhido por Anne Frank para designar o esconderijo na fábrica de seu pai, entre 1942 a 1944.

Nesse ato, a tríplice dos nomes é rompida e agora, temos o nome da personagem e da narradora destoando do nome de quem a escreve.

Figura 1 - Lista de Anne com alterações nos nomes

A lista de Anne com alterações nos nomes

Anne = Anne Aulis Robin	J. Kleiman = Simon Koophuis
Margot = Betty Aulis Robin	V. Kugler = Harry Kraler
Pim = Frederik Aulis Robin	Bep = Elly Kuilmans
Mamãe = Nora Aulis Robin	Miep = Anna v. Santen
G. v. Pels = Petronella v. Daan	Jan = Henk v. Santen
H. v. Pels = Hans v. Daan	Gies & Co = Kolen & Cia
P. v. Pels = Alfred v. Daan	Opekta = Travies
F. Pfeffer = Albert Dussel	

Fonte: OBRA..., 2019c, p.16

Na *versão a*, a tríplice é una, todos os nomes coincidindo, o que fortalece a noção de fidelidade do texto, fazendo o leitor crer com mais facilidade que o que está lendo é o relato real de uma pessoa. Já na *versão b*, os nomes do narrador e personagem divergem do nome do autor. Com sua escrita, Anne Frank narra a vida de Anne Aulis Robin por meio da própria personagem, alterando os nomes do personagem e do narrador.

Ademais, a quebra da coincidência dos nomes transforma a *versão b* em um romance biográfico, no qual “[...] o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem*, mas que o autor escolheu negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la” (LEJEUNE, 2008, p. 25). Em seus escritos não é explicitado o motivo da mudança de nome. O que se pode afirmar é que diante da passagem de sua escrita privada para uma escrita que almejava ser pública, Anne decidiu por mudar os nomes, o que já levanta diversas suposições: algum motivo pessoal, uma estratégia de publicação que pensou, preservar a sua privacidade, etc.

Ao mesmo tempo, Anne Frank utiliza como base a *versão a* para escrever a *versão b*, adotando um processo de edição dos seus próprios escritos, dessa vez, não tendo um propósito de resistir ao tormento que era viver em um esconderijo, mas de encantar seus futuros leitores. Apesar da estrutura da *versão b* ainda se manter enquanto um diário, a sua forma se modifica consideravelmente, com uma preocupação maior no estilo, na narrativa, na coesão e outros elementos.

O trabalho de Anne Frank na *versão b* é muito mais um processo de edição do que escrita, no qual, ao se pensar a estrutura de um diário, também pode ser entendido como um processo de edição do passado, para ser mais exato, o passado lembrado de Anne Frank, que inicia a escrita da *versão b* em 1944 a partir da reescrita de entradas de 1942. Portanto, o que nos importa não é o passado, mas o passado que é lembrado e conscientemente apreendido (LOWENTHAL, 1981). Esquemmatizando essa experiência do tempo nas práticas escritas de Anne Frank, particularmente entre a *versão a* e *versão b*, as temos em três dimensões: a vivida, lembrada e a narrada.

Tabela 1 - As experiências do tempo na versão A e versão B

Experiência do tempo	Vivida (real)	Lembrada (ficção)	Narrada (ficção)
Versão A	A experiência do tempo real (Não alcançado).	Passado rememorado recente.	Diário.
Versão B	A experiência do tempo real (Não alcançado).	Passado rememorado menos recente.	Autobiografia.

Fonte: construção do autor

Na primeira, não temos qualquer forma de acesso a ela, pois foi o momento vivido por Anne Frank. Na segunda, da mesma forma, não temos qualquer indício, pois elas estavam apenas na mente de Anne Frank, em suas lembranças, inclusive, incluem perdas, pois nenhuma memória consegue recuperar completamente o momento vivido por alguém (LOWENTHAL, 1981). Além disso, pensando nesse passado rememorado, temos na *versão a* um passado recente a ser lembrado, com Anne escrevendo ao fim do dia ou em um intervalo de alguns dias, e na *versão b*, um passado menos recente, cuja jovem se remete a 1942, estando em 1944.

Por fim, na terceira, temos finalmente acesso a um vestígio dessa experiência do tempo. Transcritas por Anne Frank a partir de suas lembranças, a narrativa estabelecida da *versão a* e *versão b* possuem intencionalidades diferentes, que vão orientando a narração das memórias e que a partir dessas perdas sequenciais do que de fato se viveu, criam por fim uma ficcionalização da memória.

Tal intencionalidade na narrativa de suas memórias se derivam com a preocupação da reação de um outro, seja em um diário intimista “Querido diário eu espero que nunca ninguém mais leia você

exceto o meu querido e fofo marido [...]”¹¹ (FRANK, 2019b, p. 628), ou um romance biográfico “[...] imagino que uns dez anos depois da guerra, as pessoas vão ter uma sensação estranhamente engraçada ao lerem como nós judeus vivemos, comemos e falamos aqui”¹² (FRANK, 2019b, p. 750). Phillipe Artieres nos ajuda a alcançar uma visão sobre essa questão a partir da noção de intenção autobiográfica.

Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas.

Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava de preocupação com o eu. Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (ARTIÈRES, 1998, p. 3)

Apesar da escrita de um diário ser designada como uma ação intimista, não deve ser confundida como algo totalmente individual, privado. Algo que na sua leitura, nos possibilita conhecer o interior de uma pessoa. O que lemos na verdade é a construção de um eu pensado por aquele que escreveu o diário a partir da narrativa e seleção das memórias ficcionalizadas. Dessa forma, compreende-se como a escrita autobiográfica, assim como a biográfica, devem ser pensadas além de apenas um mero registro escrito das memórias de um indivíduo.

O papel enquanto um diário

Na frase inicial do entrada anterior do diário, “O papel é mais paciente que o homem.”, pode ser averiguada a relação entre a prática de escrita de Anne Frank e o objeto que comportava essas ações. “Eu ainda acho que o melhor de tudo é poder ao menos passar para o papel o que penso e sinto, senão me sufocaria” (FRANK, 2019b, p.727). Ao comparar o papel ao homem, Anne Frank personifica o seu diário enquanto um indivíduo, nesse caso Kitty, sua amiga tão acalentada, tendo uma paciência muito maior que a maioria das pessoas, na visão dela.

Inicialmente, as entradas do diário, na *versão a*, não constavam de uma destinatária. Apesar de Anne personificar o seu diário “A você - assim espero - vou poder confiar tudo, como nunca antes a mais ninguém, e espero que me sirva de grande amparo” (FRANK, 2019b, p. 611), o nome Kitty

¹¹ Na data da entrada consta, QUINTA-FEIRA, JULHO 1942.

¹² Na data da entrada consta, QUARTA, 29 DE MARÇO DE 1944.

somente surgiu na entrada de 22 de setembro de 1942, transformando as entradas de um diário para cartas destinadas a alguém como ela mesmo confidência na entrada do dia anterior “Estou morta de vontade de me corresponder com alguém, e vou fazer isso na sequência com o meu diário. Então eu agora escrevo em forma de cartas, o que, no fundo, dá na mesma” (FRANK, 2019b, p. 633).

Apesar da afirmação da própria, com a mudança para o formato de cartas, uma nova dinâmica na escrita de Anne Frank surge, pois agora, diante de um nome, uma amiga tão acalentada, Anne se torna muito mais presente em sua escrita.

E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas aventuras e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física. [...] Escrever é, portanto, "se mostrar", se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face (FOUCAULT, 2017, p. 156)

É a partir do diário que Anne Frank relata sobre sua vida em uma determinada duração entre 1942 a 1944 para Kitty, que servindo como uma espécie de alterego, buscava contar o seus dias dentro do esconderijo, diante da necessidade de um outro para poder lidar com a solidão que sentia. Ao mesmo tempo, a partir do formato da correspondência, Anne intensifica a sua prática de escrita cada vez mais, iniciando uma introspecção que “[...] é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2017, p. 157). Kitty se transforma então nesse outro, uma amiga tão acalentada (FRANK, 2019b) como ela mesma afirma, sempre atenciosa, que sempre estava disposta a ler as angústias, inquietações, medos, as impressões que Anne tecia sobre o seu próprio corpo e alma.

SEXTA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1943

Querida Kitty,

Eu [...] já lhe escrevi muitas vezes que nós aqui nos vemos constantemente confrontados com diferentes estados de espírito, e notei que esse mal tem se intensificado no que diz respeito a mim. “*Himmelhoch jauchzend, zu Tode Bertrübt*” se aplica aqui com muito propriedade. “Gritando de alegria” eu fico quando penso em quão bem nós estamos aqui e me comparo com outras crianças judias; “Morrendo de tristeza” eu me sinto, por exemplo, quando a sra. Kleiman vem nos visitar e conta sobre o Hóquei do Jopie, os amigos e os clubes. (FRANK, 2019, p. 677 a 678)

Nessa temática, uma das maiores fontes de tristezas para Anne Frank era sua relação com a mãe, Edith Frank. Na entrada do mesmo dia, ela discorre sobre esse fato

Apesar de tudo, apesar de todas as teorias e todos os esforços, sinto falta todos os dias e em todos os momentos de uma mãe que me entenda. Por isso também é que eu penso em tudo o que eu faço e escrevo que no futuro quero ser para os meus filhos essa mamis que eu idealizo. Uma mamis que não interprete com tanta seriedade tudo o que se diga por aí, mas sim o que vem de mim. (FRANK, 2019b, p. 678)

Da mesma forma, no formato da correspondência, Foucault chama atenção a outro aspecto estratégico do que ele chama de relação consigo mesmo (FOUCAULT, 2017) e que compartilha com a escrita de um diário, que são os dias contados ao seu destinatário. Afinal, “O diário é, em primeiro lugar, uma *lista de dias* uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo” (LEJEUNE, 2008, p. 261).

A carta é também uma maneira de se apresentar a seu correspondente no desenrolar da vida cotidiana. Narrar o seu dia não absolutamente por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente quando ele não é senão semelhante a todos os outros, demonstrando assim não a importância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser - faz parte da prática epistolar [...]. (FOUCAULT, 2017, p. 159)

Na condição clandestina em seu próprio país, Anne precisava lidar com a realidade de passar dias e dias dentro de um espaço fechado, sem poder sair, fazer barulho e rodeado de pessoas que mais tinham conflitos que conversas amigáveis. Dessa forma, a escrita se torna então uma ocupação de seu dia, os relatos de seu cotidiano não sendo selecionados por importância, como era antes de entrar no esconderijo, mas pelo simples ato de relatar, de escrever para alguém o seu dia e saber que a destinatária leria com grande prazer.

Ademais, tendo em vista que tal prática de escrita é continuada, ou seja, feita com regularidade, narrando todos os dias, com regularidades constantes, em meio as repetições das atividades do dia e além disso, o desejo de ocupar o seu tempo, a partir da memorização, comparações podem ser feitas, permitindo uma “revisão do dia”.

Parece que foi na relação epistolar - e conseqüentemente para colocar a si mesmo sob os olhos do outro que o exame de consciência foi formulado como um relato escrito de si mesmo: relato da banalidade cotidiana, das ações corretas ou não, da dieta observada, dos exercícios físicos ou mentais que foram praticados. (FOUCAULT, 2017, p. 160)

Desse modo, é a partir da transformação da escrita da Anne Frank para uma escrita epistolar, enquanto se correspondia com um outro, que seus relatos iam cada vez mais se centrando em si mesmo, pois agora, Anne não simplesmente escrevia o seu dia em uma folha de papel, mas contava, narrava o seu dia, sobre si mesmo, para um outro. Buscava-se, então, explicar determinados atos e acontecimentos, relatava as causas de sentimentos positivos e negativos, contextualizava o momento que vivia. Junto a isso, compreendendo a sua prática de escrita como algo continuado, ao revisar o dia constantemente, Anne conseguiu se revisar, ressignificando determinadas questões que em um período significava algo e em outro sua significância foi modificada.

Em seu próprio diário, Anne Frank registra essa experiência como na passagem abaixo.

DOMINGO, 2 DE JANEIRO DE 1944

Querida Kitty,

Quando vi que não tinha o que fazer de manhã, folhee o diário e encontrei muitas cartas com o tema “mamãe” em que me refiro a ela em termos tão maldosos que fiquei chocada e perguntei a mim mesma: “Anne, é você mesma falando de ódio assim? Anne do céu, como você pôde?” (FRANK, 2019a, p. 12)

O início da entrada denota um fenômeno relativamente comum na escrita de um diário, em que quanto mais o espaço de tempo de uma entrada para outra aumenta, mais Anne Frank vai perdendo o elo que as liga, o que resulta, por exemplo, em seu choque ao reler o seu diário, a *versão a*, no dia 2 de janeiro de 1944 e não reconhecer de início a maioria das palavras escritas por ela mesma sobre a sua mãe.

A partir do esquecimento em sua memória e do confronto com essas memórias esquecidas em seus registros anteriores, Anne pôde *deliberar* (LEJEUNE, 2008) sobre a sua própria trajetória, buscando explicar o que aconteceu nesse período para um outro e ao mesmo tempo, para si mesma.

Mantive uma dessas páginas aberta e refleti sobre como era possível eu sentir tanto ódio a ponto de fazer tais confidências a você. Tentei trazer à tona a Anne de um ano atrás para entendê-la e desculpá-la, porque a minha consciência não vai ficar limpa enquanto eu não explicar como cheguei a essas acusações. Eu estou e sempre estive à mercê dessas mudanças de humor em que a água (figurativamente) chega ao meu pescoço e que me fazem ver tudo de maneira subjetiva, sem tentar pensar com calma as palavras da outra pessoa antes que o meu temperamento explosivo a ofendesse ou entristecesse. (FRANK, 2019b, p. 929)

92

A entrada de 1944 se refere a entradas anteriores, de 1942 e 1943, que registravam as constantes tensões entre Anne Frank e sua mãe. Presa dentro de um local no qual era obrigada a conviver todos os dias com ela e mais 6 pessoas, no qual a privacidade era um privilégio custoso, Anne passou por um ciclo de intensas reflexões em relação a sua progenitora até chegar por fim num entendimento sobre esse aspecto da sua vida.

Eu ficava furiosa com a mamãe (e ainda fico com frequência). Ela não me entendia, isso é verdade, mas eu também não a entendia. Como me amava, ela era carinhosa, mas, porque acabou em situações desagradáveis por minha causa — e, por conta disso e de outras circunstâncias deploráveis, ficou nervosa e irritadiça —, é compreensível que ela fosse grosseira comigo.

[...]

A época em que eu condenava a mamãe entre lágrimas é página virada; eu amadureci, e os nervos da mamãe se acalmaram um pouco. Costumo ficar de bico calado quando me irrita, e ela segue o meu exemplo, o que, aparentemente, deu uma melhorada na situação. Porque é impossível para mim amar a mamãe com o amor carinhoso de um filho. (FRANK, 2019b, p. 929)

Essa ressignificação não ocorre somente em suas relações, mas na própria vida de Anne Frank.

TERÇA-FEIRA, 7 DE MARÇO DE 1944

Querida Kitty,

Quando eu penso na minha vidinha de 1942, tudo me parece tão irreal. Aquela vidinha de princesa quem levava era uma Anne Frank bem diferente desta, que aprendeu tanto aqui. Uma vidinha de princesa, isso é o que ela era.

[...]

A Anne de 1942 também era diferente, também solitária, também ansiando uma amiga de fato, mas tentando consciente ou inconscientemente preencher a lacuna com piadas.

Agora eu olho para a minha própria vida com desdém e percebo que um ciclo se fechou, aquele do período escolar leve e despreocupado. Ele nunca mais vai voltar, nem mesmo anseio por ele, é como se eu não coubesse mais nele. Quem sabe se eu não tivesse ficado nele para sempre se tivesse mudado!

(FRANK, 2019b, p. 716 a 717)

Ao revisar a si mesmo, ao compreender que a Anne Frank de 1942 é completamente diferente da Anne Frank de 1944, a jovem escritora chega a um entendimento com seu passado, gerando uma resolução em seu presente por mudança e finalmente, se lançando ao futuro por uma possibilidade de uma nova Anne Frank que tanto deseja ser.

O contínuo e descontínuo na escrita de um diário

Ao pensarmos o diário em sua forma, é notório a liberdade que é possibilitado a quem o escreve. “Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo, dependendo se o diarista escreve apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir outra pessoa” (LEJEUNE, 2008, p. 261).

Contudo, dentro dessa liberdade na forma, existe uma regra imutável na escrita de um diário que é a sua continuidade e que não deve ser confundida como uma obrigatoriedade em escrever todos os dias, afinal, o diarista escreve como bem entender o seu próprio diário. Ainda assim, mesmo que uma entrada seja feita em um dia e a próxima daqui a dias, semanas, meses ou até mesmo anos, no instante que a próxima entrada é posta, uma ligação é feita entre elas e um contínuo é construído.

Tal contínuo também é pensado por Roger Chartier, que dentro da cultura do escrito, pontua que

[...] vai desde o livro ou o jornal impressos, até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo, etc. Parece-me que na cultura do escrito há um *continuum* desde a prática da escrita ordinária até a prática da escrita literária. (CHARTIER, 2001, p. 84)

Em simultâneo, o diário também se forma a partir de um descontínuo. De pausas, vazios e espaços não preenchidos que podem ser motivados por inúmeros motivos por parte do escritor. Na *versão a*, por exemplo, era comum espaços de 2 a 5 dias entre os registros, assim como momentos

em que eram seguidos diariamente, ou vários de um mesmo dia. Também havia anotações de dias anteriores ao momento que Anne Frank escreveu, narrando sobre o que aconteceu.

Portanto, ao pensarmos o diário não apenas em um contínuo ou descontínuo, mas no contínuo e descontínuo, podemos então enxergar a escrita do diário enquanto um *ritmo* (LEJEUNE, 2008). “Cada entrada é, portanto, um microorganismo que faz parte de um conjunto descontínuo: entre duas entradas, um espaço vazio. Elas se seguem na ordem do calendário e do relógio, contínuo que serve para avaliar suas descontinuidades e irregularidades” (LEJEUNE, 2008, p. 295).

No caso de *O Diário de Anne Frank*, diversos fatores poderiam determinar o seu ritmo de escrita. Um deles era a guerra que acontecia no mundo, em que a partir de um rádio, os moradores do esconderijo acompanhavam o decorrer do conflito.

TERÇA, 6 DE JUNHO DE 1944.

Queridíssima Kitty,

“This is D-day”, disseram na rádio inglesa às doze horas e com razão: “This is the day”, a invasão teve início! (FRANK, 2019b, p. 808)

O dia D é a designação do primeiro dia da maior operação militar realizada por tropas do Reino Unido, Canadá, Estados Unidos e França, tendo inclusive participação do Brasil posteriormente, buscando libertar o território noroeste da Europa ocupado pela Alemanha (DIA D..., 2019). As expectativas sobre o objetivo da operação e o seu aparente sucesso nos dias subsequentes, fez os ânimos no esconderijo melhorarem de forma expressiva.

SEXTA, 9 DE JUNHO DE 1944.

Querida Kitty,

A invasão está correndo às mil maravilhas. As tropas aliadas tomaram Bayeux, um vilarejo na costa francesa, e agora estão lutando para tomar Caen. Está claro que o plano é isolar a península na qual fica Cherbourg.[...] Todo o bafafá daqui já deu uma moderada; mas continuamos esperando que a guerra tenha finalmente acabado até o final do ano; já está mais que na hora! (FRANK, 2019b, p. 810)

Antes dessa entrada de 6 de julho, os intervalos de tempo entre as entradas na *versão a* eram de pelo menos 5 a 8 dias, com Anne tendo um foco maior em seus estudos e iniciando outros projetos de escritas além do seu diário. Com o início da operação, a cada 3 dias, Anne fazia longos e detalhados relatos das notícias que ouvia pela rádio, esperando ansiosamente pelo final da guerra, algo que ansiava desde do primeiro dia que entrou no esconderijo, já que significava o fim de seu tormento e finalmente a sua liberdade. Não é à toa que na *versão a*, seu diário pessoal, a palavra guerra em sua grande maioria está ligada a advérbios de tempo como *após a guerra, depois da guerra, pós-guerra*.

TERÇA, 13 DE JUNHO DE 1944.

Querida Kit, [...] Quanto à invasão, continua indo tudo à perfeição, apesar do tempo horroroso, as incontáveis tempestades, as pancadas de chuva e a maré alta. (FRANK, 2019b, p. 812)

Depois dessa entrada, o intervalo de tempo para a próxima voltou a ser como era antes. Apesar da operação bem sucedida no primeiro dia e do inevitável avanço das tropas aliadas pelo território ocupado, a derrota da Alemanha Nazista e seus aliados seria um processo lento, diminuindo a empolgação inicial de Anne Frank e os moradores do esconderijo e retornando então ao ritmo usual de escrita do diário.

A questão do *ritmo* se torna ainda mais complexa, pois deve-se pensar os contínuos e descontínuos a partir da *versão a* e *versão b*. No primeiro, temos uma escrita de cunho intimista, em que o outro era você mesmo no futuro, feita em diversos cadernos, seguindo, portanto, uma sequência de páginas. As entradas eram feitas ou ao fim do dia, ou vários dias depois, preenchendo o espaço em branco a partir de sua memória e, principalmente, o que queria registrar.

Nessa versão, no início de sua escrita, Anne se preocupa em registrar os acontecimentos do esconderijo, seus sentimentos, a progressão da guerra e como afetava o seu povo e o mundo para um outro fictício, pelo formato específico de uma correspondência.

No segundo, na *versão b*, temos uma escrita de cunho literária, em que o outro era o futuro leitor do seu manuscrito, feito em folhas soltas que conseguia. Uma versão que se consolida como um projeto para Anne Frank em meados de 29 de março de 1944.

QUARTA, 29 DE MARÇO DE 1944

Querida Kitty,

Ontem à noite o ministro Bolkestein falou à rádio Oranje sobre o fato de que, finda a guerra, seria feita uma coleta de diários e cartas sobre a guerra. É claro que, na mesma hora, todos quiseram saltar sobre o meu diário. Imagine que interessante seria se fosse publicado um romance sobre Anexo. Só pelo título, as pessoas achariam que se trata de um romance policial. Mas, falando sério, imagino que uns 10 anos depois da guerra, as pessoas vão achar uma sensação estranhamente engraçada ao ler como nós judeus vivemos, comemos e falamos aqui. (FRANK, 2019b, p. 750).

A partir do relato do ministro, Anne se deu conta que ao viver durante a Grande Guerra, como a mesma denomina, enquanto judia e registrando todo esse período, ela estava construindo um testemunho de um acontecimento histórico. Quando se especula o que as pessoas daqui a 10 anos pensariam sobre como os judeus viviam, comiam e falavam nesse momento, Anne Frank compreende que haverá pessoas interessadas em ler os seus escritos.

Depois desse dia, novos anseios irão surgir acompanhados de um desejo que ela confessou em 5 de abril de 1944.

QUARTA-FEIRA, 5 DE ABRIL DE 1944

[...]

Tenho de estudar para não continuar sendo uma ignorante, avançar e me tornar uma jornalista, porque é isso que eu quero! Estou ciente de que sei escrever. Alguns dos

meus contos são bons; as minhas descrições do Anexo, divertidas; muito do meu diário tem voz própria, mas... se eu realmente tenho talento, essa é outra questão. (FRANK, 2019a, p. 210)

Em seu objetivo de ser uma jornalista, Anne Frank demonstra uma resignificação no ato de escrever, e conseqüentemente, a forma como deseja se inserir no mundo que vive. E essa resignificação vai além de uma escrita pensando em tornar uma profissão, como relatado na carta do mesmo dia.

E, se eu não tiver talento para escrever nem livros nem para jornais, sempre posso escrever para o meu próprio prazer. Mas quero progredir; para mim é inconcebível ser como a mamãe, a madame e todas as outras mulheres que fazem algo e depois são esquecidas. Quero ter alguma atividade paralela ao meu marido e aos filhos à qual eu possa me dedicar! Ah, sim, não quero que a minha vida tenha sido em vão como a da maior parte das pessoas! Quero poder servir e agradar às pessoas que vivem à minha volta, mesmo aquelas que não me conhecem; quero perdurar, mesmo após a minha morte! E é por isso que dou graças a Deus por ter me dado, quando nasci, a possibilidade de me desenvolver e escrever, ou seja, expressar tudo o que existe em mim! (FRANK, 2019a, p. 211)

De acordo com o registro, para Anne Frank, a escrita era uma possibilidade de existência, de ser lembrada como alguém além de uma doméstica, de uma esposa amável e uma mãe atenciosa. Ela queria vivenciar essas posições, mas não queria parar apenas nisso. No dia 29 de março de 1944, ao ouvir na rádio sobre o potencial de seu diário enquanto documento histórico, ela enxergou um caminho que rompia com essa barreira que sua mãe e outras mulheres nunca ultrapassaram em sua visão e que culminou em uma decisão para alcançar essa possibilidade.

QUINTA 11 DE MAIO DE 1944.

Querida Kitty,

[...]

Agora, mudando completamente de assunto: já faz tempo você sabe que o meu grande desejo é me tornar jornalista e, depois, uma escritora famosa. Se conseguirei ou não dar forma a essas inclinações ao status (ou à mania) de grandeza está por ver, mas assuntos eu já tenho suficientes. Após a guerra, de qualquer maneira, quero publicar um livro intitulado “O Anexo”; se vai dar certo, porém, já é outra história; o que eu sei é que vou usar o meu diário como base. (FRANK, 2019b, p. 796)

A partir do desejo de se tornar uma escritora, Anne inicia os seus projetos literários, definindo nesse dia o objetivo de publicar um livro chamado *Het Achterhuis* [*O Anexo*], usando como base o seu diário, a *versão a*, e conseqüentemente, retratar a sua vida no período de quase dois anos que ficou presa no esconderijo. Quanto ao gênero literário, Anne tece uma ideia de como imagina o seu livro em 29 de março de 1944 da *versão a*.

TERÇA, 29 DE MARÇO DE 1944.

[...]

Querida Kitty,

[...]

Imagine que interessante seria se fosse publicado um romance sobre o Anexo. Só pelo título, as pessoas achariam que se trata de um romance policial. Mas, falando sério, imagino que uns dez anos depois da guerra, as pessoas vão ter uma sensação estranhamente engraçada ao lerem como nós judeus vivemos, comemos e falamos aqui. Apesar de eu contar a você muito sobre nós, ainda assim o que você fica sabendo é só uma pequena parcela do que é a nossa vida. (FRANK, 2019, p. 750)

As entradas selecionadas mostram que desde do princípio, Anne enxergava a sua obra como um romance, um gênero que ela já tinha experiência prévia por estar escrevendo um romance intitulado “A vida de Cady” nesse período.

Na *versão b*, por possuir uma proposta biográfica, no gênero de um romance, Anne agora deseja construir a coerência no que escreve de forma mais abrangente, reunindo diversos elementos narrativos, ela vai construindo o formato geral do livro e conseqüentemente, um formato geral de como queria expor a sua vida ao outro.

Isso denota a mudança no ritmo dessa versão comparada a *versão a*. Um ritmo que a continuidade se alavanca em relação a descontinuidade no aspecto narrativo. Uma continuidade pensada dentro do gênero romance, em que agora existe uma seletividade mais explícita e abrangente no que é registrado. Agora, Anne não se preocupa em selecionar o mais importante de um dia, mas como esses registros podem formar um enredo interessante o suficiente para os seus futuros leitores, em como essas entradas ordenadas, compõem um ritmo de leitura compreensível e agradável para um leitor.

97

O final de um diário

A conclusão deste artigo começa com a seguinte pergunta: como terminam os diários? Para Lejeune, deve-se primeiro diferenciar os diários com um fim programado, no qual “A limitação desses cadernos é ao mesmo tempo cronológica e temática: são diários parciais, dedicados a um período, e centrados em uma zona de experiência particular[...]” (LEJEUNE, 2008, p.271) como os diários generalistas, que tem por objetivo acompanhar uma vida o maior tempo possível.

Feito essa separação, percebe-se que a *versão a* é considerada um diário generalista, enquanto a *versão b*, ressaltando o seu aspecto literário, mas ainda se utilizando da estrutura de um diário, pode ser vista como um diário parcial, dedicado a narrar um período específico da sua vida.

Diante disso, se questiona então o que delimita o final dessas versões. Lejeune afirma que o diário generalista não é criado pensando em um final, em que constantemente se prolonga as entradas, seus registros, pois enquanto sobrevivência, pensamos em um futuro que ele será lido pela própria pessoa que a escreve ou por um leitor, caso fosse publicado como uma autobiografia.

Enquanto a *versão a* fosse escrita, Anne Frank continuaria a aspirar em um futuro, uma possibilidade de existência no qual iria sobreviver a Segunda Guerra Mundial e poderia, finalmente, publicar a sua biografia ficcional. Ao mesmo tempo, esse horizonte que tanto ansiava também seria o final da *versão b*, no momento que superasse todas as adversidades que vivia.

No entanto, sempre existirá um momento que um diário irá se encerrar e pela coincidência infeliz, o motivo que finaliza a escrita da *versão a* é a mesma da *versão b*.

O último apontamento no diário data de 1º de agosto de 1944. Após delação, cuja autoria até hoje permanece incerta, o esconderijo foi descoberto na manhã de 04 agosto de 1944, entre 10h00 e 10h30, quando um automóvel estacionou diante do prédio número 263 da Prinsengracht. Dele desembarcaram o sargento da SS Karl Josef Silberbauer, trajando seu uniforme, e pelo menos três auxiliares holandeses da Grüne Polizei (“Polícia Verde”), polícia de ocupação alemã, em trajes civis, todos armados. (CORNELSEN, 2019, p. 7)

Com essa interrupção trágica, a *versão a* e a *versão b* chegam ao final não esperado por sua escritora. Contudo, apesar do fim das duas versões iniciais, *O Diário de Anne Frank* continua por Otto Frank, o único dos ocupantes do esconderijo a sobreviver ao campo de concentração nazista. A partir de outro processo de seleção e edição, Otto Frank, junto a editora holandesa *Uitgeverij Contact* (CORNELSEN, 2019) publicou o livro de sua filha, misturando entradas da *versão a* e *versão b*, e em 1947 publica a primeira edição do diário, intitulado *Het Achterhuis* (“O Anexo Secreto”) e, atualmente, também conhecida como a *versão c*. Da mesma forma, uma edição reformulada foi lançada em 1991, feita então pela Mirjam Pressler, a *versão d*.

Apesar da interrupção da escrita do diário, seguido da morte de sua escritora, o diário continuou nas mãos de outras pessoas, dessa vez se tornando uma autobiografia publicada, mas sempre tendo o nome de Anne Frank estampado na capa do livro. Tal nome se situa em uma posição complexa, pois a morte real de Anne Frank ilustra um acontecimento que ocorre com todos os escritores que se submetem ao processo de publicação de seu texto.

[...] a escrita está atualmente ligada ao sacrifício, ao próprio sacrifício da vida; apagamento voluntário que não é para ser representado nos livros, pois ele é consumado na própria existência do escritor. [...] essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve; [...] a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita. (FOUCAULT, 2001, p. 268 e 269)

Como apresentado antes, em sua trajetória editorial, houve uma reelaboração contínua da imagem de Anne Frank enquanto indivíduo. Tal processo ocorreu pelo próprio apagamento de sua individualidade, o seu nome próprio, para que desse lugar ao seu nome enquanto autora. No entanto, pelo fato de seu livro ser retratado como uma autobiografia, e principalmente por ser uma publicação

póstuma, é facilitada a confusão para os leitores de que o nome do autor e o nome próprio são o mesmo. Ao ler *O Diário de Anne Frank*, consigo entender quem é a Anne Frank, sua autora. No entanto, sempre houve uma cisão entre esses dois nomes.

O nome do autor, apesar de muitas vezes compartilhar as mesmas palavras que o nome próprio e possuir um valor de nome próprio, é algo essencialmente diferente do nome relacionado a um indivíduo.

[...] um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome etc.): ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatório; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outro. [...] Chegar-se-ia finalmente a idéia de que o nome do autor não passa, como o nome próprio, do inteiro de um discurso ao indivíduo real e exterior que o produziu, mas que ele corre, de qualquer maneira, aos limites dos textos, que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser ou, pelo menos, que ele o caracteriza. Ele manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discursos, e refere-se ao status desse discurso no interior de uma sociedade e uma cultura. (FOUCAULT, 2001, p. 273 e 274)

Numa única busca em uma livraria, seja física ou digital, dezenas de exemplares de *O Diário de Anne Frank* podem ser facilmente encontrados. Diferentes edições, diferentes tipos de livros, diferentes editoras, mas todas elas compartilham o nome Anne Frank como autora. É seu nome que concede status ao livro; que concede uma unidade estilística, um tipo de escrita que é associada a ela; que apresenta uma coerência conceitual, uma forma de pensar que qualquer coisa diferente desse padrão é excluído; e por fim, que permite datar e relacionar sua obra com a realidade. (FOUCAULT, 2001)

O testemunho em um diário

Diante dessas funções, se percebe que o nome Anne Frank, estampado nas capas de *O Diário de Anne Frank*, usualmente acompanhado da foto de uma jovem com belo sorriso chamada Anne Frank, são nomes essencialmente diferentes. A imagem representa uma pessoa. Um registro fotográfico de uma garota que viveu entre 1929 a 1945, tendo morrido prematuramente e com uma grande paixão pela escrita. O nome escrito assume uma duplicidade, pois:

O diário de Anne Frank é, ao mesmo tempo, símbolo e documento: símbolo de todas as vítimas do racismo, do antissemitismo e do genocídio cometido pela Alemanha nazista contra o povo judeu e, ao mesmo tempo, documento do destino de uma família judia marcada por uma vida confinada e absurda numa Holanda ocupada pelas tropas nazistas. (CORNELSEN, 2019, p. 14)

Tais informações tornam-se relevantes, pois explicitam a constatação de que o nome Anne Frank estampado em *O Diário de Anne Frank*, se constrói em torno de uma representação feita

coletivamente. Uma constatação que se torna óbvia diante da percepção da escritora e dos “editores”¹³ por trás da obra, mas junto a isso também existe um agrupamento mais implícito ao pensar o diário em caráter de testemunho de uma vítima.

Valoriza-se o testemunho pela possibilidade de fornecer, sem desvios interpretativos e analíticos de terceiros, o acesso imediato ao passado e também por possibilitar, mediante a recuperação de vozes silenciadas pela construção de presentes e futuros, evidenciando sua profunda marca política. (AVELAR, 2012, p. 31)

A própria Anne Frank iniciou o seu romance biográfico justamente ao perceber o potencial que seu diário possuía enquanto um testemunho. Naquela época, ela o pensava como depoimento da Segunda Guerra Mundial, a declaração do sofrimento de seu povo, a palavra de uma sobrevivente. No entanto, infelizmente, não é o diário de uma sobrevivente que estamos refletindo, é o diário de uma vítima, e não somente a vítima de algum evento traumático, mas do evento que é pensado como a síntese de todos os acontecimentos traumáticos do século XX.

Como evento-síntese das barbáries genocidas do século XX, o Holocausto impôs à historiografia e à memória o seu lugar como tema indispensável para a reflexão sobre outras histórias traumáticas marcadas pela violência e extermínio, transformando-se, desse modo, em um índice para as representações sobre as relações entre passado e presente. (AVELAR, 2012, p. 35)

Diante desse peso que é esse evento, da mesma forma, os testemunhos relacionados a ele também terão uma atenção diferente em comparação a outros, pois ao mesmo tempo que são testemunhos de vítimas, também são traumas. Quantos morreram? Como morreram? Porquê morreram? Quem os matou? As mesmas perguntas que são feitas por um historiador, também podem ser feitas por alguém fora desse campo, tamanha é a curiosidade que nos move ao perceber quão absurdo foi a maioria dos massacres do passado em comparação a nossa realidade no presente.

Lejeune afirma que um dos pilares do pacto é a reciprocidade (LEJEUNE, 2008). Diante de um livro que lhe pede para receber os anseios, medos, raivas, paixões e expectativas de uma jovem, o mesmo deve ser feito por quem o lê. Identificação é uma das grandes forças que movem *O Diário de Anne Frank*. Foi essa mesma identificação que me interessou a pesquisar sobre essa obra, quando ao ministrar aulas de história para ensino fundamental II com o diário como fonte, os alunos sempre percebiam semelhanças com a narrativa que liam.

Desde o início, essa força foi pensada e articulada para a obra. Começou na *versão b*, em 1944, com Anne a utilizando para tentar conseguir o seu sonho de ser uma grande escritora. Depois de sua morte, foi seu pai que se utilizou, publicando em 1947 a *versão c* fazendo alterações que destoavam

¹³ Utilizo essa palavra para designar a participação de Otto Frank e Mirjam Pressler no processo de publicação da *versão c* e *versão d*)

das intencionalidades de sua filha. E por fim, na *versão d*, maior que a versão c, e é considerada como a edição definitiva de *O Diário de Anne Frank*.

Em todas elas, havia um mesmo objetivo, trazer ao mundo a memória, o diário, o testemunho de uma judia que tentou sobreviver ao Holocausto e que a partir dela, serviu para sensibilizar o mundo das atrocidades que o povo judeu sofreu durante a Segunda Guerra Mundial. A partir dessa obra, o combate ao antissemitismo perdura e não há como negar que *O Diário de Anne Frank* desempenha um papel significativo nessa luta, sendo uma obra no qual julgo “[...] que ajuda a pensar, que permite ao indivíduo situar-se em relação aos outros, com o mundo, com a natureza, com a transcendência, e que é o suporte da atividade crítica” (CHARTIER, 2001. p. 127).

Referências Bibliográficas

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Arquivos pessoais, Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 10 ago. 2023.

AVELAR, Alexandre de Sá. História, tempo presente e testemunho: ainda em torno dos limites da representação. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, [S.l.], v. 8, n. 8, p. 29-57, dez. 2012. ISSN 2359-0092. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12773>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BAUER, Martin W. A análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. (org.) *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um manual prático*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRITTO, P. H. Tradução e ilusão. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 21-27, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47535>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CARTAS inéditas de Anne Frank em seus 90 anos. *Record*, Rio de Janeiro, 07 jun. 2019. Disponível em: <https://www.record.com.br/cartas-ineditas-de-anne-frank-em-seus-90-anos/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Sabori*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CORNELSEN, E. L. A gênese de O Diário de Anne Frank – um legado para a humanidade. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 37-54, 2019. DOI: 10.17851/1982-3053.13.24.37-54. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14538>. Acesso em: 10 ago. 2023.

DIA D: por que o 6 de junho de 1944 mudou a história da humanidade. *BBC*. Publicado em: 5 jun. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48526108>. Acesso em: 11 ago. 2023.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: *Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In.: *Ditos & Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2017. p. 144-162.

FRANK, Annelies. O diário de Anne Frank. In: FRANK, Annelies. *Obra Reunida: Anne Frank*. Tradutor: Cristiano Zwiesele do Amaral. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019a, p. 11-277.

FRANK, Annelies. Anexos. In: FRANK, Annelies. *Obra Reunida: Anne Frank*. Tradutor: Cristiano Zwiesele do Amaral. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019b, p. 605-962

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si. Escrita da História. In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.7-24.

HIRSCHFELD, Gerhard. O pano de fundo histórico. In: FRANK, Annelies. *Obra Reunida: Anne Frank*. Tradutor: Cristiano Zwiesele do Amaral. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 577-588.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. De Rosseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História* : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 17, n. 0 p. 63-201, 1981.

OBRA REUNIDA: Anne Frank. Tradutor: Cristiano Zwiesele do Amaral. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.